

O LUGAR DA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO NO PROCESSO FORMATIVO

Rogério Rodrigues¹ 

RESUMO

Este relato de experiência tem como objetivo analisar alguns apontamentos referentes à relevância sobre o lugar da Psicologia da Educação no processo formativo do professor como intelectual na transmissão da cultura escolar. A partir da experiência docente na disciplina Psicologia da Educação, a pergunta básica seria: qual o papel da Psicologia da Educação para pensarmos o ensinar e o aprender no campo escolar? O referido tema se justifica pelo fato de que o aspecto formativo se torna relevante, pois a transmissão de conceitos permite o sujeito interpretar criticamente a realidade. O método utilizado para a construção deste estudo tem, como proposição investigativa, a hermenêutica pautada no campo da teoria crítica para analisar o sentido da Psicologia da Educação e os processos formativos. Conclui-se que a Psicologia da Educação pode se apresentar como modo como o sujeito orienta sua atividade educativa a partir das reflexões do campo escolar e, primordialmente, refletir sobre as questões do ensinar e aprender em sala de aula.

Palavras-chave: Educação; Ensino; Filosofia da Educação; Ensino Superior; Psicologia da Educação.

THE PLACE OF EDUCATIONAL PSYCHOLOGY IN THE TRAINING PROCESS

ABSTRACT

This experience report aims to analyze some notes regarding the relevance of the place of Educational Psychology in the teacher training process as an intellectual in the transmission of school culture. From the teaching experience in the Psychology of Education discipline, the basic question would be: what is the role of Educational Psychology in thinking about teaching and learning in the school field? The referred theme is justified by the fact that the formative aspect becomes relevant, since the transmission of concepts that allow the subject to critically interpret the reality. The method used for the construction of this study has, as an investigative proposition, the hermeneutics guided in the field of critical theory to analyze the meaning of Educational Psychology and the formative processes. It is concluded that Educational Psychology can present itself as the way the subject guides his educational activity from the reflections of the school field and, primarily, to reflect on the issues of teaching and learning in the classroom.

Keywords: Education; Teaching; Philosophy of Education; University Education; Educational Psychology.

¹ Universidade Estadual de Campinas

Autor Correspondente: Rogério Rodrigues

E-mail: rrunifei@hotmail.com

Recebido em 08 de Outubro de 2022 | Aceito em 31 de Outubro de 2023.

INTRODUÇÃO – O MOMENTO DE COMPREENDER A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O LUGAR DA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Em todo início de curso de Psicologia da Educação, penso no lugar que ela possa ocupar na formação dos futuros professores do curso de licenciatura. Compreendo que a consistência desta resposta está diretamente relacionada com a concepção de ensino, educação e sociedade que se encontram presentes no campo das relações sociais.

A preocupação com este tema do aspecto formativo torna-se relevante, pois são esses sujeitos que irão atuar, diretamente, na transmissão das ciências básicas no ensino fundamental e ensino médio e, portanto, na transmissão de conceitos que permitem ao sujeito interpretar a realidade.

Fico com a questão primordial de pensar qual seria a relevância do lugar da Psicologia da Educação na formação dos professores e, principalmente, como seria possível dizer algo que possa ser amplamente significativo, principalmente, que possa colaborar para se compreender, criticamente, o processo de ensino e aprendizagem.

Analiso que o lugar da Psicologia da Educação possa ser central ou periférico na formação do futuro professor, pois vai depender, diretamente, de como o sujeito compreende o outro no processo de ensino e aprendizagem.

Em grande parte das escolas, há a hegemonia do ensino instrumental em que ocorre a proposição de prática educativa em que o sujeito se torna compreendido como objeto passivo ao receber a palavra do “mestre explicador” (Rancière, 2002). Isso ocorre, apesar de grande parte das formulações pedagógicas se afirmarem na premissa do outro existir como sujeito e participar diretamente na construção do conhecimento.

Compreendemos que a prevalência da forma instrumental do ensino torna o sujeito coisa e, portanto, não existe o lugar da Psicologia da Educação, uma vez que se trata apenas de aplicação da técnica para o outro se submeter à sua vontade. Entretanto, se o outro for compreendido numa relação de igualdade no campo do pensamento, aqui, abre-se a oportunidade de querer pensar o desejo de saber. Portanto, o ponto significante de reflexão sobre o processo formativo pressupõe, primeiramente, compreender o que seria o modo crítico de pensar o outro no campo educacional para que, em seguida, possa-se definir o papel da Psicologia da Educação na formação do futuro professor.

Neste contexto, torna-se problema central, nas relações de ensino e aprendizagem, a concepção do lugar do outro no processo formativo. Isso se torna ainda mais complexo em se tratando do vir a ser aquele que se encontra alinhado como o desejo em que o movimento de se realizar como o ser para si, que não é fixo em nenhuma narrativa de si mesmo e está sempre em constante alteração daquilo que se diz sobre o ser em si (Sartre, 1997).

Essa tradição metafísica desloca a questão do sujeito para dimensões relacionais em que dizer algo sobre o outro implica compreender o lugar dinâmico em que este se encontra e, principalmente, se é possível estar no lugar de si mesmo que empresta o corpo como lugar daquele que diz algo sobre o conceito científico. A nossa compreensão referente aos processos formativos, temos a possibilidade de constituir o pensamento crítico. Isso ocorre ao colocar à discussão o paradoxo que se apresenta no sujeito em dizer algo a partir do não lugar que o mesmo se encontra no corpo. Esta questão desloca a discussão do processo formativo do plano instrumental, no reino da objetividade, no interesse das incorporações das técnicas, para a questão subjetiva que se apresenta na condição existencial em que ser sujeito é uma representação que supõe uma narrativa de si mesmo. Referente à discussão dessas invenções de narrativas de si mesmo é que se torna possível compreender o papel da Psicologia da Educação na formação do professor. Isso ocorre uma vez que ela pode permitir compreender, em parte, como essas narrativas de si mesmo são construídas e, principalmente, como isso afeta a nossa relação nos processos de ensinar e aprender.

O MOMENTO DE PENSAR A PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO COMO LUGAR DE DISCUSSÃO SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Na tentativa de reverter a perda de sentido da Psicologia da Educação como lugar, analisaremos o processo formativo e as relações que se constroem no ensinar e no aprender. Para que possa organizar esse movimento de análise referente à transmissão deste saber, no atual momento, divido, em três partes, o curso de Psicologia da Educação, a saber: analisar a concepção de educação, as teorias de aprendizagem e a práticas educativas.

Na primeira parte do curso para se pensar a Psicologia da Educação como lugar de discussão sobre a formação do professor, dever-se-ia analisar o ensinar e o aprender como instâncias de elaborar elementos determinantes do ensinar e do aprender ou condições específicas em que ocorrem as maneiras de o sujeito incorporar o conceito da cultura escolar.

Partimos do pressuposto de que as dinâmicas do ensinar e do aprender se constituem em circunstâncias entre o dito e o não dito no modo de fazer a transmissão dos conceitos. Diria que a função do professor ocorre numa forma objetiva, que se encontra na exposição do assunto, e outra subjetiva, que se expressa na maneira como o sujeito constrói os seus modos particulares de pensar o conceito. Portanto, a junção desse dito e não dito, no campo da ciência, será a base que irá prevalecer como forma de o sujeito pensar a realidade numa interpretação pelo viés da cultura escolar. Esse processo formativo é determinante, em vários aspectos, para que o sujeito possa constituir seus parâmetros para ensinar o outro e que, em certa medida, determina uma filiação na passagem do saber.

O paradoxo do ensinar e do aprender ocorre na transmissão da ciência se for compreendida como aquisição objetiva de alguma habilidade técnica em que a presença do professor se torna apenas o administrador de atividade. Isso descaracteriza o seu lugar do sujeito que apresenta o conhecimento e se anula na perspectiva em apresentar o seu modo de fazer e pensar o conceito. A técnica se apresenta como algo externo numa proposição objetiva no modo de pensar a realidade e, portanto, fica muito difícil o acesso da Psicologia da Educação como modo de colaborar ao sujeito analisar os processos do ensinar e educar. Nessa situação, o ensino instrumental fica apenas caracterizado como treinamento no modo de pensar e fazer.

Contudo, se o ensinar for compreendido como uma relação entre os sujeitos perante o não saber, em que o professor constrói o fazer educativo e que não controla os resultados desse encontro, a Psicologia da Educação pode assumir o papel primordial de orientar, criticamente, os processos formativos na elaboração de narrativas que correspondem ao caminho de o sujeito aprender algo criticamente.

Neste contexto, a Psicologia da Educação, para pensar o campo do processo formativo, constituiria outras narrativas metafísicas para se dizer algo criticamente no campo do ensinar e do aprender. Isso significa ir para além do entendimento do senso comum em que o ensinar seja algo para além de alguém mandar o sujeito e este obedecer e repetir a tarefa. Torna-se importante destacar que a repetição da tarefa se trata de recurso comum e apresenta resultados para a finalidade operacional na execução das atividades. Entretanto, a nossa concepção do educar o outro no eixo do ensinar e do aprender encontra-se na condição de o sujeito pensar a prática, primordialmente, em compreender o conjunto de contradições que se apresentam na dinâmica da realidade. Portanto, compreendemos que ensinar algo para o outro está para além da repetição de tarefas, mas que, paradoxalmente, envolve algum tipo de repetição que se inova no diferente modo de pensar as coisas.

Partimos do pressuposto de que ensinar algo para o outro significa ter algo a dizer sobre o mundo em que vivemos. Entretanto, os conceitos destituídos do sujeito implicado não fazem sentido para aqueles que, por atividade de profissão, atuarão no papel de educador e preferem fazer o modelo do senso comum em que,

para aprender, é preciso repetir a atividade. Cabe dizer que o senso comum tem o lado do bom senso, que possibilita a organização do modo de fazer as atividades na repetição, mas possui, também, o outro lado, que se apresenta no modo precário de repetir aquilo que não compreende realizando uma prática cega. Isso condiz com a formação de professores que se direcionam para atividades sem o trabalho do pensamento e, primordialmente, sem compreender as complexidades que envolvem toda a ação educativa.

Neste contexto, na primeira parte do curso, busca-se compreender o que é Psicologia da Educação e como se pode compreender o processo do ensinar e do aprender. Compartilho com os alunos a tese de que se pode compreender, basicamente, a Psicologia da Educação, de um lado, como uma técnica para ser aplicada no campo educacional para se afirmar algo sobre o ensinar ou aprender. Por outro lado, pode-se compreendê-la como forma de pensar o ensinar e o aprender numa condição reflexiva do pensamento.

CONCLUSÃO – APONTAMENTOS PARA UMA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO QUE SE POSSA CONSTITUIR COMO ATIVIDADE INTELLECTUAL DO PROFESSOR

Para escrever os apontamentos para uma Psicologia da Educação que se possa constituir como atividade intelectual do professor, vamos retomar a etimologia da palavra professor, que provem do latim em que “[...] *professus*, aquele que declarou em público, do verbo *profitare*, declarar publicamente, afirmar perante todos, formado por *pro-*, “à frente”, mais *fateri*, “reconhecer, confessar”. (Vivaldi, 2020). Portanto, o professor seria aquele que profere a palavra publicamente no sentido de declarar algo que possa representar o conhecimento.

Nesse contexto, a raiz da palavra professor nos permite compreender, em termos de conclusão, o caminho para responder à pergunta básica de qual seria o papel da Psicologia da Educação para pensarmos o ensinar e o aprender no campo escolar?

Para responder a essa questão com base no significado da palavra professor, tenho como base algo que escutei da coordenadora de escola do ensino fundamental que, ao ser perguntada como lidaria com a ausência de conteúdos em decorrência do ensino remoto provocado pela pandemia, ela, prontamente, respondeu: “olha, vocês querem saber de uma coisa? Não precisa ficar preocupados com isso, pois os alunos, daqui a vinte anos, nem vão lembrar o que são ensinados para eles!”.

Essa compreensão sobre a perda da lembrança do ensinamento se apresenta como a completa anulação do processo formativo. Numa perspectiva oposta, compreendemos o ensino da Psicologia da Educação como forma de elaborar a lembrança do ensinamento. A base central da nossa discussão seria justamente no sentido de construir uma prática educativa em que se evidenciam marcas simbólicas constituídas pelo professor no seu exercício de ensinar, publicamente, algo para que todos possam aprender.

Toda a nossa discussão busca representar a Psicologia da Educação como ponto central na formação dos futuros professores do curso de licenciatura da Universidade Federal de Itajubá (Física, Química, Matemática e Biologia). Para tanto, trata-se de compreender a transmissão da cultura científica como lugar de produzir marcas simbólicas que nos permitem a pensar o mundo em que vivemos. Portanto, torna-se importante compreender como os alunos irão pensar o campo da ciência como lembranças encobridoras que transparecem o modo como os professores fizeram para ensinar o conceito. Mais propriamente, como os alunos ficam fascinados pelo modo como os nossos professores fizeram para nos ensinar e que, muitas vezes, isso se passa por alguns detalhes para além das proposições normativas do campo escolar, pois

[...] é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres” (Freud, 1990, p. 286).

Neste contexto, a lição como lugar do aprender deveria ser compreendida como a realização da função do professor como intelectual em que

[...] que dá o texto a ler, aquele que dá o texto como um dom, nesse gesto de abrir o livro e de convocar à leitura – é o que remete o texto. O professor seleciona um texto para a lição e, ao abri-lo, o remete, como um presente, como uma carta (Larrosa, 2004, p. 140).

Nesse sentido, o fio condutor para escrever este ensaio foi o exercício de pensar a proposição em ser professor nas interfaces da Psicologia da Educação como lugar que se possa analisar a posição daquele que oferta algo para o outro no campo da cultura escolar. Isso ocorre como elemento de aprendizagem, principalmente, como aquele que constrói, em cada passagem da vida acadêmica do sujeito, um tipo de amarração com os conceitos. Aprender é se apoiar das marcas simbólicas como elementos que podem produzir os pontos de memória em que algo ocorre na relação do desejo de saber que se encontra presente nas palavras do professor.

Essa condição da função do professor como intelectual resulta dessa combinação do trabalho árduo reflexivo que ocorre no espaço escolar, ocupado pelos sujeitos com o outro disponível, ou seja, que se permite ter tempo para fazer e pensar. Isso se apresenta como condição determinante para a construção da qualidade na educação [...] (Rodrigues, 2022, p. 138).

Torna-se importante destituirmos as práticas educativas que se pautam no ensino instrumental, pois máquinas de ensinar não desejam. Elas apenas replicam tarefas organizadas em diversos tipos de plataforma de ensino. O que realmente movimenta os sujeitos a aprender são os modos de relacionamento em que os sujeitos se estabelecem nos processos de ensino e aprendizagem junto com o outro. Aqui, temos um verdadeiro paradoxo, pois vivemos a hegemonia estabelecida que impõem a certeza que se torna possível aprender algo sem a presença do outro. O paradoxo pode ser resolvido quando este outro, que não está presente no ensino instrumental, reapresenta-se como projeção de si mesmo como aquele que escuta as palavras de como se deve fazer aprender algo. Aqui deveria se analisar, no campo da Psicologia da Educação, o papel das propagandas que se veiculam nas diversas publicidades de como é fácil estudar com as máquinas, pois elas não incomodam e pode-se estudar na hora que escolher. O esforço para aprender torna-se facilmente substituído pela ilusão de que se torna possível aprender alguma coisa sem a presença do outro, que, muitas vezes, pode nos incomodar com os horários e as demandas de tarefas, primordialmente, aquele que, ao dizer algo para o outro, constitui as marcas simbólicas.

Compreendemos que a escola seja esse lugar das marcas simbólicas, em que os horários e as demandas de tarefas produzem algo no sentido de amarrar o sujeito com o conceito e com as lembranças das idiossincrasias em ser professor. Isso pode se apresentar como elemento propositivo para se pensar no papel da Psicologia da Educação como lugar que possa colaborar na construção da prática educativa que seja efetivamente democrática no ensinar e no aprender para todos os comuns que se encontram no espaço escolar.

Posso constatar que, no final do curso, alguns alunos de licenciatura se apresentam implicados com a discussão do ensinar e do aprender pelo viés da Psicologia da Educação. Entretanto, outros alunos não se apresentam tocados por essa discussão e acabam o curso com certa indiferença, pois ainda acreditam nas máquinas de ensinar sem a presença do outro.

Abre-se uma esperança de que os alunos que se tornarão futuros professores sejam aqueles que realizaram a tarefa do curso de Psicologia da Educação como lugar de lembrar a formação de si mesmo. Isso pode nos remeter à pergunta inicial deste ensaio, de que dizer algo de si seja também o caminho que se possa implicar com a referida discussão sobre como ensinar alguma coisa para o outro é, em parte, reconhecer em si mesmo o próprio desejo de saber.

Seria importante lembrar que a tarefa educativa é algo que tem o significado de implicar o outro no campo da cultura escolar. Portanto, ensinar algo para além de uma prática cega seria o movimento de crítica de si próprio e que pode, primordialmente, romper com a reciprocidade da prática cega que se encontra na formação de si mesmo. Nesse sentido, a Psicologia da Educação pode se apresentar como modo de o sujeito orientar sua atividade educativa a partir das reflexões do campo escolar. Aqui se apresenta a esperança de que os futuros professores, ao concluírem o curso de Psicologia da Educação, possam se constituir na recusa ao esquecimento de como se tornou educador. Essa condição reflexiva redefine as marcas no modo de pensar o processo formativo e, primordialmente, os pontos conceituais para se pensar o campo educacional. Portanto, em termos de formação de professor, ocorre uma grande distinção entre aqueles que se implicam com o desejo de saber e os que evitam, na completa indiferença, entrar na sala para realizar a transmissão dos elementos da cultura.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (1990). Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar (1914). In: _____. *Obras Completas*. v. XIII. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago.
- Larrosa, J. (2004). *Pedagogia Profana*: danças, piruetas e mascaradas. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica.
- Rancière, J. (2002). *O mestre ignorante*: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica.
- Rodrigues, R. (2022). Elogio do Professor como intelectual dos processos formativos. In. *Revista Humanidades e Inovação*, Tocantins, V. 09, No. 24.
- Rogers, C. & ROSENBERG, R. (1977). *A pessoa como centro*. São Paulo: EPU. Ed Universidade de São Paulo.
- Sartre, J P. (1997). *O ser e o nada*. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Editora Vozes.
- Vivaldi, F. M. C. (2020). *Origem da palavra*. Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/palavras/professor/>>. Acesso em: 02 set.